

Estiagem que mata

Olhe o nosso rio!

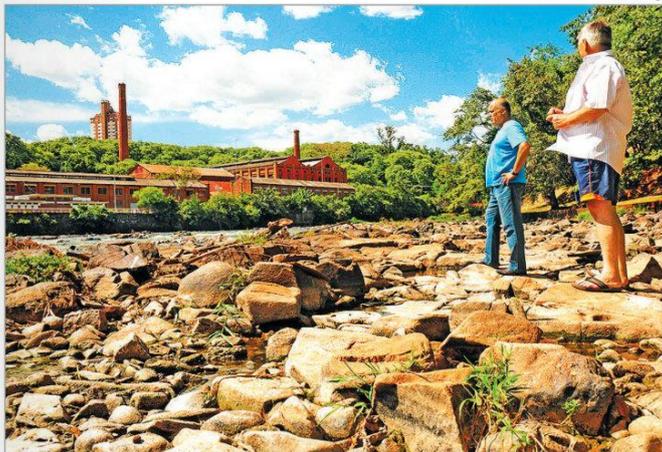
Com menos de um metro de água, o Piracicaba, em pedras, agoniza e pede ajuda



ELENI DESTRO
Especial para a Gazeta

Um rio que agoniza. É esse o Piracicaba que os nativos e os turistas têm como cartão-postal neste momento. Durante o mês de janeiro, choveu apenas 68 milímetros, sendo que a média histórica é de 335 milímetros para este período. Diante desse cenário, o Piracicaba registra a vazão mais baixa dos últimos 50 anos, segundo informações do Consórcio PCJ (Comitê das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá) e DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica). Em medição feita às 7h de ontem, a vazão era de 19,3 metros cúbicos por segundo e o nível era de 0,99 metro. Em janeiro do ano passado, esses números eram, respectivamente, 119,96 m³/s e 2,07 metros.

Segundo Luiz Roberto Moretti, diretor do Daee e secretário-executivo do PCJ, desde 1964 não se via uma vazão tão baixa. Para ele, a situação é bastante preocupante e exige cuidados da parte de quem utiliza a água das bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá. "Devem utilizar a água com racionalidade, evitando o desperdício. É uma situação atípica, anormal. Se não tivermos a reposição do regime normal de chuvas poderemos ter problemas muito sérios quando chegarmos ao meio do ano", alerta Moretti, se referindo



João Feliciano e Maurício Alonso, sobre as pedras do rio, olham desolados para o que resta do Piracicaba

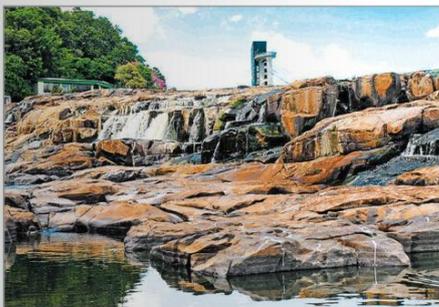
à época da estiagem. "Se não fizermos uso racional, teremos de racionar e assim a situação fica mais complicada", enfatiza.

QUANDO CHOVE?

É a previsão de chuvas para mudar esse cenário não é nada animadora. De acordo com o professor do Departamento de Engenharia e Biosistemas (LEB) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Fábio Marín, deve começar a chover timidamente só daqui a uma semana. "É a previsão aponta 2 milímetros por hora, cerca de 15mm a 20 mm por dia. É algo que não resolve a situação para o rio", observa ele. Mas fazer previsões exatas dez dias à frente é uma tarefa difícil, avisa.

LAMENTO

A reportagem da Gazeta percorreu alguns trechos do rio Piraci-



No salto do Piracicaba, quase não existe mais água: cena que choca



Roberto Ferreira, pescador: "Os peixes não sobem o rio para 'piracemar'"

caba na tarde de ontem, do salto até a ponte do Morato. O fotógrafo Del Rodrigues entrou no Piracicaba um pouco acima da ponte Pênsil e seguiu quase sem nenhuma dificuldade até o início do salto, em busca da imagem perfeita, que mostraria a

agonia do rio. E conseguiu. O salto parece mais uma montanha do que um rio. Para não molhar suas botas, ele as deixou em um trecho seco. O sol estava tão forte, que seus pés ficaram doloridos e, certamente, surgiriam bolhas.

Essa combinação – temperatura altíssima e pouca água – afastou os turistas do rio, que ontem à tarde estava solitário. Os poucos que se arriscavam por ali, apenas lamentavam. Edson Roberto Furlan, que tem um quiosque abaixo do Museu da Água, esperava vender sorvete, água e suco para quem estivesse de passagem. "Estou aqui há 20 anos e nunca vi isso", afirmou ele.

É quase não há o que se ver mesmo. Entre as pedras do salto, apenas fios de água escorrem, para formar dois maiores, embaixo da ponte pênsil, e uma espécie de lago mais abaixo, quase sem correnteza. O fotógrafo Davi Negri, 48, decidiu checar a situação de perto e atravessou o Piracicaba em seu salto. "A gente vê uma agonia danada", lamenta. Nas poças d'água que se formam, os peixes que tentam subir o rio para se reproduzir, em plena Piracema, apenas tentam. "Vi um cardume de lambaris tentando subir o rio, e eles começam a se debater, batem nas pedras quentes e não conseguem nadar". Um prato cheio para as garças que ficam à espreita.

O piracicabano Ricardo Borges, 62, aproveitou para ver o rio e se assustou. "Só vi o rio assim durante a estiagem. É uma resposta da natureza, para que fiquemos mais atentos com a sua preservação", alerta.

Morador na rua São José, quase esquina com a avenida Beira Rio, há 60 anos, o aposentado Maurício Alonso, 62, conta que pescou muito no Piracicaba e parou quando ele "começou a morrer". "Desde que eu moro aqui, nunca vi o rio assim. É uma tristeza", resume. O amigo de Alonso, João Feliciano, frequenta a região da Rua do Porto há 30 anos e nunca viu tão poucos turistas nessa época do ano.

O pescador Antonio Roberto Ferreira, 59, disse que a situação está parecida com a de 1976, quando a população até fez um enterro simbólico do Piracicaba e jogaram flores em suas águas.

É não há nada mais triste que ver o local de onde se tira o sustento assim, agonizando. É o caso de Roberto Ferreira, o Zize, 40, único pescador profissional em atividade na região central de Piracicaba, segundo ele. Em recesso durante a Piracema, Zize não vê o início dos trabalhos em 2014 com empolgação. "Os peixes não sobem o rio para 'piracemar'. Isso vai alterar a pesca", prevê. Mas com a serenidade e a paciência que só os pescadores têm, ele espera que tudo mude assim que a primeira chuva vier.